A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA HISTÓRIA DO CURSO DE JORNALISMO DA UEPG

Gustavo Yoshio Leal Ban (Fundação Araucária), Felipe Simão Pontes (Orientador), e-mail: felipe271184@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Jornalismo

Ciências Sociais Aplicadas. Comunicação.

Palavras-chave: Foca Livre, Relações Étnico-raciais, Jornalismo

Resumo
Esta pesquisa reflete sobre a formação dos jornalistas a partir da presença e representação de negras e negros no curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a partir dos produtos laboratoriais impressos, Trabalhos de Conclusão de Curso e da presença de professores e professoras. Faz-se importante compreender tais questões considerando este ser o primeiro contato de estudantes com o jornalismo.

Introdução

A partir do trabalho de iniciação científica e, reconhecendo a mídia como espaço de formação, identificação e fortalecimento das identidades, o esforço desta pesquisa consistiu no reconhecimento da representação (ou não) de sujeitos negros e negras no curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A intenção decorre da organização das produções do curso, e da percepção que sujeitos negros não são representados nos produtos laboratoriais, da mesma forma como são pouco presentes entre docentes e estudantes.

Para Munanga (2004) definir quem é negro no Brasil é uma tarefa complexa, considerando o desejo de branqueamento desenvolvido no país e a não identificação dos sujeitos como negros. Assim, a fim de processo de identificação, os referenciais biológicos são desconsiderados e parte de processos etno-semânticos, políticos e ideológicos. Para tanto, considerando as especificidades em trabalhar com as relações étnico-raciais sob essa perspectiva, partimos do pressuposto de Munanga (1996), da identificação cromática, considerando o ser negro a partir da pigmentação da pele, visto que é por essa identificação que o racismo acontece diariamente.

Essa identificação se torna importante no contexto brasileiro, onde, de acordo com Vaz e Mendonça (2002 p.2), a “minorização” do negro na mídia não é recente. Sodré (1999, p.15) reforça que a invisibilidade negra nos meios de comunicação é histórica, mas que, ao longo do tempo, foi amenizada por mecanismos sutis e internos de discriminação, que não reconhecem a exclusão do outro no processo de diferenciação.

Materiais e Métodos

Considerando a importância do jornal laboratório *Foca Livre* para o curso, à universidade e à cidade, o primeiro trabalho consistiu na seleção e organização dos jornais impressos produzidos pelo curso de Jornalismo da UEPG, desde a fundação, em 1985. Ao todo, foram analisadas 191 edições do *Foca Livre,* compreendendo o período de 1991 a 2016. Os jornais foram estudados a partir dos títulos, manchetes e chamadas das reportagens e fotografias e ilustrações presentes no conteúdo.

Na pesquisa buscamos compreender de que maneira as relações étnico-raciais foram consideradas no jornal a partir da presença, ou não, do negro no periódico, textualmente, a partir da presença da palavra 'negro' ou similares que remetem à cultura e luta social, e fotograficamente através da identificação de personagens negros considerando a classificação cromática de Munanga (1996), a partir da pigmentação da pele.

O segundo movimento foi em busca de inserções temáticas que tivessem sujeitos negros nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), protocolados nos últimos 30 anos. Para tanto, utilizamos os Relatórios Anuais do Departamento em busca de títulos que trouxessem informações sobre a temática da pesquisa. A escolha dos Trabalhos de Conclusão de Curso como forma de representatividade negra no curso de Jornalismo, se constitui pela produção ser requisito obrigatório no processo de formação do estudante, assim como serve de instrumento importante na avaliação das influências e tendências temáticas dos acadêmicos do curso. A coleta foi feita anualmente e catalogada conforme período, autoria e tipo do trabalho (monografia ou produto).

A terceira etapa compreendeu a verificação do quadro de professores que passaram e permanecem na docência do curso. Utilizamos também os livros anuais que registram as contratações tanto de professores efetivos como colaboradores. De processo semelhante ao anterior, foram analisadas as atas e listados os professores conforme entrada e saída no Departamento. Considerando o recorte de 30 anos, utilizamos de entrevistas com ex-estudantes, professores e com a secretária do Departamento para recuperarmos os nomes, recorrendo também a identificação cromática.

Resultados e Discussão

Ao organizar o *Foca Livre,* ficou perceptível que mesmo com uma ampla e vasta produção, reportagens com conteúdos referentes à raça, principalmente referentes a sujeitos negros permaneciam pouco presentes.

Ao todo, foram analisadas 191 jornais. Nas capas, cinco chamadas e 13 imagens fizeram referências a negros. Nas páginas internas foram contabilizadas 2595 chamadas, totalizando uma média de 13,5 por edição. Este cálculo médio serve apenas como base para compreender a ausência de representatividade preta e parda no *Foca Livre*, uma vez que cada turma possui liberdade para diagramar o periódico a partir de escolhas próprias, assim como o formato do jornal se alterou, modificando também o espaço para novos conteúdos.

Considerando os 2595 formatos encontrados e confrontados nas páginas internas com as 41 notícias ou reportagens que de alguma forma fizeram referência ao negro, apenas 1,58% do espaço total ocupado representou as relações étnico-raciais, especificamente ligadas aos sujeitos negros e aparições em fotografias, a

partir de chamadas e títulos ou fotos, que nem sempre estiveram vinculadas a reportagens com conteúdo referente à discussão.

A fim de sistematizar os dados encontrados, as unidades foram divididas em "textuais", aquela que trazem no título a palavra negro ou termo referentes a cultura destes - totalizando 22 unidades e "fotográficas", notícias que associam títulos diversos com fotos de agentes negros, com 37 unidades de informação.

Trabalhos de Conclusão de Curso e Professores

Nos Trabalhos de Conclusão de Curso o mesmo é identificado, assim como nos demais recortes analisados. No total, foram protocolados 525 Trabalhos de Conclusão de Curso entre o período 1988 e 2016, totalizando apenas 15 que de alguma forma trouxeram em seu título representação do grupo étnico-racial estudado. Apenas um trabalho problematiza questões raciais especificamente a partir da identidade, na medida em que os outros trazem elementos da história, memória, trajetória, cultura e manifestações específicas ou relacionadas a sujeitos negros.

Quanto ao corpo docente, desde a fundação do curso de Jornalismo da UEPG, 82 professores e professoras lecionaram na área. Por ser a identificação racial subjetiva, ainda mais em um país como o Brasil em que o ideal de branqueamento por muito tempo distanciou os sujeitos da identificação enquanto negros (Munanga, 2004), consideramos a classificação cromática para identificação de professores negros e contamos com o auxílio de professores e servidores do curso nesse processo.

De acordo com Munanga (1996) se o racismo do cotidiano acontece a partir da cor da pele de um sujeito, a identificação pode assim ser feita. Nesse sentido, identificamos apenas quatro professores negros e negras dentre o quadro de 82. Com o nome completo do colaborador e o ano em que esteve na instituição, buscamos por registros fotográficos que comprovaram essa identificação.

Conclusões

Esta pesquisa de iniciação científica identificou que nos 31 anos de existência do curso de Jornalismo da UEPG, apenas quatro dos 82 professores que lecionaram no departamento eram negros, cromaticamente classificados, não existindo nenhum no quadro atual no Departamento de Jornalismo. Outra consideração sobre a baixa representatividade negra a ser melhor analisada, considerou que dos 525 Trabalhos de Conclusão de Cursos protocolados até 2016, apenas 15 trazem referências étnico-raciais que envolvem o negro.

Especificamente quanto ao *Foca Livre*, identificamos 2595 unidades de texto nas 1528 páginas internas das 191 edições do periódico, onde apenas 41 traziam referência direta ou indireta aos negros e negras, sendo destas 17 presentes no título e/ou chamada, e 24 em fotografias. Quanto às capas, 13 foram as fotografias em que sujeitos negros estiveram presentes, ao passo em que foram representados somente em cinco abordagens textuais.

Nos textos, há uma distribuição na qual nenhum tema se sobressai a sete unidades, com maior associação às discussões sobre música, cotas e educação. Nas fotografias, o negro aparece majoritariamente associado às mazelas sociais (em

13 unidades). A baixa presença do negro nos 25 anos de história do jornal aqui trabalhados confirma, portanto, a não representatividade do negro na mídia, incluindo um dos jornais laboratórios mais antigos do país nesta estatística.

Espera-se que os resultados obtidos possam contribuir para a definição de diretrizes e estratégias a fim de adequar, ampliar e consolidar as atividades do curso em relação a maior e melhor representatividade de negras e negros nas produções laboratoriais, trabalhos de conclusão e processos de permanência dos estudantes.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual de Ponta Grossa, à Fundação Araucária, ao Departamento de Jornalismo, ao Núcleo de Relações Étnico-raciais, de Gênero e Sexualidade (Nuregs) e a Darlene Galvão Oliveira, técnica administrativa do Departamento de Jornalismo.

Referências

CHRISTOFOLETTI, Rogério; BASSO, Marjorie, K. J**.** O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais. **Estudos em Comunicação** nº2, 2007, p. 111-125.

LOPES, Dirceu F. **Jornal-laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

MUNANGA, Kabengele. **Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Letícia V. de Sousa (orgs.). **Negras Imagens.** São Paulo: Edusp, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Revista Estudos Avançados, 2004. São Paulo, V. 18, no 50, p. 51-66.

PONTES, Felipe S; BAN, Gustavo Y. L. **O jornal-laboratório como crítica da cidade:** saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do *Foca Livre.* Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 6, n. 19, p. 233-250, jul./dez. 2016.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. Petrópolis: Vozes, 1999.